

ARTIGO**A GAZETA – VITÓRIA (ES)
DO JORNALISMO PARTIDÁRIO À GESTÃO PROFISSIONAL**José Carlos Corrêa¹**RESUMO**

O presente artigo procura identificar os impactos que teve sobre o jornal *A Gazeta*, de Vitória, Estado do Espírito Santo, o Movimento Militar de 31 de março de 1964, tanto com relação à linha editorial quanto com relação à gestão da empresa. E conclui que a extinção dos partidos políticos adotada em 1965 pelo Movimento Militar abriu caminho para que o jornal deixasse de ser um veículo atrelado aos interesses de um partido político para se estruturar em bases profissionais tornando-se o pilar da construção do maior grupo empresarial da área de comunicação do Espírito Santo.

Palavras-chave: A Gazeta, Imprensa, Linha editorial.

ABSTRACT

This article intends to identify the impacts of Military Movement (March 31st, 1964) on *A Gazeta* newspaper (Vitória - Espírito Santo - Brazil), its editorial line and its enterprise management. It also realizes that the political parties' extinction, that took place in 1965 with the Military Movement, contributed for the newspaper - once attached to the interests of a political party - to turn into the biggest business communication group in Espírito Santo.

Keywords: A Gazeta, press, editorial line.

¹ Professor da Faculdade Estácio de Sá de Vitória, jornalista, engenheiro civil, graduado em Engenharia Civil (UFES), pós graduado em Estudos Avançados de Comunicação (Faculdade Cândido Mendes), Mestre em Ciências Contábeis/Linha de Pesquisa: Administração Estratégica (FUCAPE).

1 INTRODUÇÃO

Até 1964, como grande parte da imprensa brasileira, o jornal *A Gazeta*, de Vitória-ES, mantinha atrelado o seu jornalismo a uma corrente político-partidária. Logo após a sua fundação, em 1928, defendeu abertamente a Aliança Liberal em oposição ao Governo de Washington Luiz. O novo Governo que se instalou após a Revolução de 1930 recebeu o apoio entusiasmado do jornal. Em 1945, o fazendeiro Eleosipo Cunha adquiriu as ações de *A Gazeta* colocando o jornal a serviço da UDN, União Democrática Nacional, e da candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República. Com o Brigadeiro derrotado nas eleições, Eleosipo, em 1948, vendeu o jornal a um grupo que se fez passar como sendo de empresários quando, na verdade, isso era apenas um disfarce para encobrir o fato de que os verdadeiros compradores, para quem foram repassadas as ações em 1949, eram integrantes do PSD, o Partido Social Democrático, tendo à frente o então governador do Espírito Santo Carlos Fernando Monteiro Lindenberg. Desde então *A Gazeta* passou a ter a família Lindenberg como acionista majoritária.

Quando o Movimento de 1964 derrubou João Goulart do poder, os partidos políticos foram gradativamente perdendo espaço e influência até serem extintos em 27 de outubro de 1965. Os novos partidos que se formaram, Arena, Aliança Renovadora Nacional, e MDB, Movimento Democrático Brasileiro, nem de longe tinham a mesma expressão dos antigos partidos de antes. Embora seu acionista majoritário tenha se filiado à Arena, *A Gazeta* optou por desatrelar definitivamente o seu jornalismo de qualquer partido político, passando a adotar uma estrutura mais profissional e procurando se organizar em bases empresariais como veículo de comunicação independente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: PRINCIPAIS CONCEITOS

Até a primeira metade da década de 1960, os jornais brasileiros, de uma maneira geral, não tinham qualquer compromisso com a neutralidade editorial. Bem ao

contrário, se perfilavam, sem disfarces, em uma determinada corrente política com a mesma naturalidade com que muitos jornais europeus, até hoje, defendem posições das facções a que emprestam apoio. Era a época do jornalismo de ideias que, mais tarde, evoluiu para o jornalismo de notícias, como classificou em aula o professor Afonso de Albuquerque (2004). Giovandro Marcus Ferreira (2004) comenta que nos anos 1950 e parte da década de 1960 o jornalismo brasileiro era refém dos partidos políticos, passando, em seguida, para ser refém da ditadura até chegar aos anos 1980 como refém dos movimentos organizados.

Esse jornalismo de ideias ora era orientado por uma opção partidária ou político-ideológica, ora por questões financeiras, como revela Samuel Wainer, no seu livro “Minha razão de viver – Memórias de um repórter”.

Ainda nos anos 50, a imprensa brasileira tinha como anunciantes, basicamente, pequenos comerciantes – a indústria nacional não alcançara sua maioria, e tampouco havia grupos financeiros de grande porte. Como os recursos obtidos com as vendas em bancas e assinaturas eram insuficientes, os meios de comunicação precisavam valer-se de outras fontes de renda, utilizando como moeda de troca seu peso junto à opinião pública. Graças a esse trunfo, os barões da imprensa sempre mantiveram relações especiais com o governo, que tanto lhes prestava favores diretos como beneficiava seus amigos – amigos que sabiam retribuir a ajuda recebida (WAINER, 1988, p. 224).

Carlos Lacerda pode ser citado como exemplo de quem fez do jornalismo uma defesa permanente de ideias políticas, como conta Marina Gusmão de Mendonça (2002, p. 102), em “O demolidor de presidentes”:

[...] o vespertino *Tribuna da Imprensa*, editado pela primeira vez em 27 de dezembro de 1949, caracterizar-se-ia desde o início como um veículo de divulgação de teses antinacionalistas e antipopulares, e cujo objetivo principal seria, a partir de 1950, a liquidação de adversários, investindo sobretudo contra o getulismo e a política populista. Com isso, Carlos Lacerda, que iniciara sua carreira política como uma promissora liderança de esquerda, obtinha a maior vitória contra os antigos companheiros do PCB, pois, ao transformar o jornal num instrumento para as mais violentas campanhas de eliminação de opositores, alicerçava em bases sólidas a carreira política, deixando a nu, a partir desse momento, sua face de grande tribuno dos interesses burgueses ligados ao capital internacional.

Samuel Wainer (1988, p.126) assim descreveu, em “Minha razão de viver – memórias de um repórter”, o nascimento de *Última Hora*:

- Tu reparaste que hoje não veio ninguém cobrir a reunião? – perguntou Getúlio.
- Respondi que sim, e observei que fora desencadeada a conspiração do silêncio.
- O senhor só vai aparecer nos jornais quando houver algo negativo a noticiar – preveni. Essa é uma tática normal de oposição, e a mais devastadora. Ele andava de um lado para outro. De repente, parou e me disse sete palavras que seriam a senha para abrir-me as portas da grande aventura:
- Por que tu não fazes um jornal?

O engajamento político da imprensa brasileira foi mostrado também por Fernando Morais (1994, p. 646) em “Chatô, o Rei do Brasil”:

Desde que começara a conspirar contra Jango, nos primeiros meses de 1963, até a eclosão do golpe, em abril de 1964, foram raros os artigos escritos por Chateaubriand que não tratassem de política nacional [...] O Chateaubriand dos primeiros meses de 1964 estava empenhado em uma verdadeira cruzada para “salvar a ordem capitalista ameaçada pela corja vermelha” que ocupa o Palácio do Planalto.

Fernando Lattman-Weltman (2003, p. 16/17) escreveu no livro “Eles mudaram a imprensa”:

Tendo, coerentemente, apoiado os movimentos em prol da abertura do regime político, *O Globo* logo se alinhou às idéias e aos quadros da União Democrática Nacional (UDN), partido formado em 1945 como uma verdadeira frente de oposição a Vargas e seus correligionários. Talvez em nenhum outro momento o jornal tenha assumido uma feição ideológica e mesmo partidária tão nítida quanto no período definido e delimitado pela vigência da Constituição de 1946. Até, pelo menos, a reforma realizada na década de 1970, a imagem do jornal e de seus leitores esteve sempre associada a uma espécie de “udenismo”, cujas raízes e motivações sem dúvida encontram no debate político e ideológico daquele rico e intenso intervalo de democracia.

Evandro Carlos de Andrade conta em entrevista dada a Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman (2003, p. 32) em 29/10/1997:

Eleito Juscelino, o *Diário Carioca* aderiu totalmente a ele. Como Pompeu era movido por paixão, essa adesão foi uma coisa escandalosa, total. Discurso de Juscelino, ele dava na íntegra. Eram primeira, segunda e terceira páginas com o discurso do Juscelino.

Carlos Lindenberg Filho (1996, p. 27) também descreveu o comportamento da imprensa, na época:

O material político, o mais importante da época em que os jornais praticamente não veiculavam assuntos de economia, era fornecido sob os auspícios dos partidários dos donos do jornal, o que era um hábito nacional. As notícias, pasmem, só eram publicadas quando do interesse político dos correligionários do proprietário do matutino, embora este ostentasse, logo abaixo de sua logomarca, os dizeres: "Matutino diário e independente". A imparcialidade da maioria dos jornais brasileiros foi um padrão que só anos depois foi alcançado.

Hésio Pessali (1984, p.16) assim se referiu a *O Diário*, de Vitória:

A *Folha do Povo* circulou em 1952, e em 1955 transformou-se em *O Diário*, comprado por um grupo político ligado ao PSD recém derrotado. O apoio esperado do PSD não veio e quem acabou comprando o jornal foi seu adversário, o governador Francisco Lacerda de Aguiar. Sete anos depois, ainda proprietário, Francisco Lacerda de Aguiar ganhou um segundo mandato ajudado pela intensa campanha desenvolvida por *O Diário*.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A TRAJETÓRIA DE A GAZETA ANTES DE 1964

3.1.1 O engajamento político explícito

A *Gazeta* foi adquirida pelo então governador Carlos Lindenberg, em 1949, já com o propósito de sustentar os seus projetos políticos e os do seu partido, o PSD, Partido Social Democrático.

A biografia de Carlos Lindenberg, publicada no livro “Dr.Carlos, um homem do campo e sua relação com o poder”, descreve:

Em 1949, durante o seu primeiro mandato de governador, Carlos decidiu montar um jornal que o apoiasse politicamente. Para realizar o projeto, convidou vários nomes do PSD, pois o periódico deveria servir aos interesses do partido (GURGEL, 2000, p.140).

Carlos Lindenberg Filho (2002, p. 154), filho de Carlos, conta no seu livro “Eu e a sorte”:

A compra de *A Gazeta* proporcionou ao então governador Carlos Lindenberg, meu pai, o alívio de não precisar mais escrever esdrúxulos editoriais no *Diário Oficial*. O governador se defendia, naqueles editoriais, de ardilosas críticas publicadas na própria *Gazeta*, órgão oficial da União Democrática Nacional-UDN. A passagem do matutino para o grupo político do meu pai era um fantástico troféu que desequilibrava o jogo político em favor do Partido Social Democrático-PSD. As ajudas eleitorais a senadores, deputados e vereadores fizeram crescer o partido.

3.1.2 Um jornal modesto

A *Gazeta*, em 1964, embora líder de circulação, era um jornal modesto, com 8 páginas nas edições de sábado, terça, quarta e sexta-feira. Às quintas circulava com 10 páginas. Aos domingos acrescentava às 10 páginas um suplemento em formato tablóide, com 12 páginas, denominado “Semanário Social”. Das 8 páginas de sua edição normal dedicava uma ao noticiário nacional e internacional, uma aos esportes, uma ao noticiário policial, uma aos “Anúncios Populares” (Classificados), uma a colunas sociais, duas outras ao noticiário geral, principalmente político, além da 1ª página quase sempre dedicada à política local.

Seu noticiário político era a reprodução fiel das posições do PSD, Partido Social Democrático, onde era filiado o seu acionista majoritário, Carlos Lindenberg. A linha era de franca e explícita oposição ao governador Francisco Lacerda de Aguiar, o Chiquinho, e de duelo permanente com o jornal de propriedade do governador, O *Diário*.

No primeiro dia de 1963, por exemplo, *A Gazeta* dava amplo destaque, na 1ª página, à denúncia feita pelo deputado Christiano Dias Lopes Filho, na Assembléia Legislativa, de “grossa marmelada patrocinada pelo Governo do Estado”, com relação a pagamento de Cr\$ 30 milhões “aos exportadores”.

Carlos Lindenberg Filho (1996, p. 27/31) assim descreveu o processo de produção do jornal *A Gazeta* nas décadas de 1950 e 1960:

Pendurados em um gancho amarrado a um cordão grosso, desciam os papéis escritos pelos repórteres e redatores que compunham o corpo editorial, então constituído de cinco ou seis malabaristas que escreviam mais por ouvir dizer do que apurando os fatos. A esse pessoal cabia ainda redigir um precário telegráfico capturado piratadamente das agências noticiosas. [...] As laudas escritas pelos jornalistas eram distribuídas nas três linotipos que mais tarde chegaram a sete [...] (a linotipo) era de uma precisão fantástica na sua missão de providenciar toda a composição tipográfica dos jornais, à exceção dos títulos que ou eram feitos por uma máquina semelhante ou pela mão do tipógrafo [...] A matéria [...] pronta, ia se constituir em paquês (matéria completa ou parcialmente completa). Os paquês eram colocados dentro das ramas que, uma vez completas e ajustadas, iam para o local de impressão na máquina, que na época era plana [...] Quando todas as páginas já estavam completas nas ramas e colocadas no local apropriado da impressora, era o sinal de que o jornal estava prestes a sair [...] Sendo uma máquina plana, a sua impressão se processava em papel em ramas e não em bobinas, como passou a ser usado por nós em 1969, quando se mudou para o processo *off-set*, praticado em rotativas [...] Aquele reeco-reeco se iniciava muito lento e aumentava vagarosamente até saturar o ouvido de todos com a velocidade máxima de uns 500 exemplares por hora.

A Gazeta, até 1962, era dirigida por Eugênio Pacheco de Queiroz, cunhado de Carlos Lindenberg, que praticamente sozinho respondia pela gestão do jornal. Ele era o Diretor-presidente e a ele se reportavam o Diretor responsável do jornal e um chefe de oficinas. Em 1963, Eugênio Queiroz convocou Carlos Lindenberg Filho, filho de Carlos Lindenberg, para assumir a Direção Comercial da empresa.

No final do ano de 1962, eu estava de partida para Belo Horizonte, a convite [...] para trabalhar em uma empresa de distribuição de valores mobiliários, quando inesperadamente meu pai perdeu a eleição para o Senado. [...] Constrangido de deixar o Estado e parecer com isto que a família estava magoada com os capixabas, resolvi ficar e me estabelecer aqui. [...] Numa tarde de verão, no início de 1963, tio Eugênio, que dirigia sozinho o jornal desde 1947, me convocou para conversar. – Meu filho – disse – você sabe que seu pai é o maior acionista deste jornal. Isto está crescendo, mas poderia ir melhor se você viesse me ajudar. Você tem que tomar conta do que vai ser

seu. Além do mais, os meus negócios particulares estão ficando muito prejudicados, pois cada dia me ausento mais para atender *A Gazeta*. Este último argumento superou inteiramente o pavor que tinha de enfrentar a direção do jornal, face à minha condição de inteira ignorância daquele que me parecia um complexo mundo. Poucos dias depois de saber com clareza que *A Gazeta* era de meu pai, fui escolhido, em 13 de janeiro de 1963, para ser o seu diretor comercial, cargo então criado para definir a minha atividade (LINDENBERG FILHO, 1996, p. 32).

3.1.3 O apoio a Jango

A Gazeta tratava o presidente João Goulart com simpatia, embora o partido do presidente, o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, fosse, no Estado, adversário do PSD de Carlos Lindenberg. O PTB, em 1962, havia eleito o vice-governador Rubens Rangel, na chapa de Francisco Lacerda de Aguiar, o Chiquinho (PSP) que derrotou Jones dos Santos Neves, do PSD. Mas João Goulart havia sido eleito vice-presidente da República com o apoio do PSD. Isso era o bastante para que *A Gazeta* abrisse espaço para as notícias favoráveis ao Governo Federal depois que João Goulart assumiu a presidência após a renúncia de Jânio.

Além do aspecto partidário, havia afinidades pessoais entre o presidente João Goulart e o Diretor Comercial de *A Gazeta*, Carlos Lindenberg Filho, Cariê, filho de Carlos Lindenberg. Eles ficaram amigos, chegaram a pescar várias vezes juntos quando Jango vinha a Vitória.

A proximidade com João Goulart chegou ao ponto de Carlos Lindenberg Filho ter alertado o presidente em uma das últimas vezes em que Jango esteve em Vitória, como contou em depoimento dado a José Carlos Corrêa em 2004:

- Presidente, o seu Governo está avançando muito. O senhor tem que tomar cuidado, eles vão dar um golpe aí.
- Mas eu posso almoçar eles antes, não é? – respondeu o presidente.

Apesar do apoio emprestado ao Governo Goulart, *A Gazeta* abria seguidos espaços a matérias contra o comunismo, o que demonstrava que sua posição, como a do PSD, mantinha prudente distância das teses mais radicais do PTB de Goulart.

“Moscou já admite fracasso comunista noutros países”, noticiou *A Gazeta* em 2/2/63. “Operários soviéticos estariam construindo uma base atômica na conturbada ilha do Caribe (Cuba)” e “A ameaça comunista à Europa Ocidental é o maior perigo que ameaça o mundo livre”, publicou em 5/2/1963.

Carlos Lindenberg Filho que, na época, já tinha grande participação no jornal, influenciando diretamente o jornalismo, confirma que *A Gazeta* adotava uma linha editorial de apoio às principais bandeiras do Governo João Goulart.

O jornal estava muito identificado com a reforma agrária, a reforma bancária, a reforma urbana, com esses temas todos do presidente [...] Seu Queiroz ficava com certa cerimônia comigo, porque eu dava a maior força à linha editorial (LINDENBERG FILHO, 2004: depoimento dado a José Carlos Corrêa).

A simpatia de *A Gazeta* com o Governo Jango, que era identificado por boa parte da população como um Governo dominado por comunistas, causou problemas à área comercial do jornal. Os comerciantes passaram a não veicular anúncios em *A Gazeta* por terem a percepção de que era um jornal que defendia teses e idéias comunistas. Carlos Lindenberg Filho conta que os funcionários de *A Gazeta* chegaram a fazer uma passeata pelo comércio de Vitória na tentativa de mostrar que *A Gazeta* não era um jornal comunista.

3.1.4 A “fase revolucionária”

O jornalista Oswaldo Oleari (1996, p. 130/131) conta, em crônica que escreveu para o livro que tratou da imprensa na série “Escritos de Vitória”, editada pela Prefeitura Municipal de Vitória, que *A Gazeta* chegou a viver, antes do Movimento Militar de 1964, o “seu período de revolucionária”:

Foi num curto período de esquerdismo ainda pouco explicado, e jamais compreendido, de Carlos Lindenberg (o filho), então comandando o jornal do grupo do velho e saudoso senador, essa figura memorável que foi Carlos Lindenberg (o pai). Talvez se explique essa revolucionice de Cariê, um

renovador musicalmente autêntico e talentoso, adepto, cantor, compositor e amigo dos ídolos da bossa nova pipocando pra todo canto.

A “fase revolucionária” de *A Gazeta* teria ocorrido nos meses que antecederam o Movimento Militar de 1964, quando todo o país passou a viver o clima de radicalização das tensões entre o Governo e a oposição. Esse período ocorreu entre janeiro de 1963 (quando o plebiscito revogou o parlamentarismo e devolveu ao presidente da República amplos poderes para governar) e março de 1964 (quando o Movimento Militar depôs o presidente João Goulart). Foi nesse período que o debate sobre as reformas de base tomou conta do país, a revolta dos sargentos desafiou a hierarquia nas Forças Armadas e o movimento sindical e estudantil radicalizou as suas posições políticas multiplicando as greves. O Governo ampliou ainda mais a divisão ideológica da sociedade ao solicitar ao Congresso a decretação do estado de sítio em outubro de 1963, ao regulamentar a lei de remessa de lucros em janeiro de 1964 e ao promover, em 13 de março, no comício da Central do Brasil, a encampação das refinarias privadas de petróleo. No plano regional, o grande debate girava em torno da campanha pela encampação da Companhia Central Brasileira de Força Elétrica do Espírito Santo, a concessionária responsável pela produção e distribuição de energia na maior parte do Estado.

Carlos Lindenberg Filho (2004) comentou assim a época em depoimento dado a José Carlos Corrêa: “O jornal estava muito identificado com a reforma agrária, a reforma bancária, a reforma urbana, com esses temas do presidente”.

No dia 25/3/1964, *A Gazeta* abriu manchete na terceira página para o apoio do ex-presidente Juscelino Kubitschek, lançado candidato do PSD à Presidência da República na véspera, às reformas anunciadas por Jango. No dia 1º/4/1964, já com o Movimento Militar em marcha, *A Gazeta* publicava nota do Delegado Regional do Trabalho Bianor Machado de apoio ao presidente.

Foi por todas essas razões que *A Gazeta* passou a ser alvo da “caça às bruxas” que se seguiu ao Movimento de 1964.

3.2 A TRANSIÇÃO. O AUTORITARISMO, A CAÇA ÀS BRUXAS, A EXTINÇÃO DOS PARTIDOS POLÍTICOS

O apoio ao Governo João Goulart fez *A Gazeta* ficar na mira dos comandantes militares após o Movimento Militar de 1964. Tão logo foi confirmado o exílio de Jango, o coronel comandante do 3º Batalhão de Caçadores, como se chamava na época a unidade do Exército sediada no Estado, Newton Fontoura Reis, convocou os jornalistas identificados com o Governo deposto, um a um, para adverti-los de que deveriam se comportar, como conta Carlos Lindenberg Filho (2004) em depoimento dado a José Carlos Corrêa:

O Coronel Newton Reis mandou chamar um por um, e foi extremamente gentil. “Se você não fizer nada, não acontece nada com você. Agora, se você...”, dizia ele. Os militares tinham medo de uma contra-revolução, armas, essas coisas.

No noticiário de primeira página da edição de 3 de abril de 1964 *A Gazeta* revela a sua distância do Movimento de 1964 ao lastimar “o uso da força em lugar do remédio legal do *impeachment* do ex-Presidente da República” e ao elogiar a anunciada disposição dos militares em devolver o poder aos civis.

Oswaldo Oleari, que escrevia na época a coluna “Oswaldo Oleari Comenta & Informa” que era publicada em *A Gazeta*, descreveu o ambiente da Redação logo após o Movimento Militar de 1964.

Explodiram as ameaças da revolução sindicalista de Jango Goulart, seus pelegos e toda a horda de picaretas que cercavam o ingênuo presidente. A fase “revolucionária” de *A Gazeta* encerrava-se abruptamente em 1964, após uma visita de Cariê ao histórico Batalhão de Caçadores. Lá, aconselharam-no a continuar cantando bossa nova – o que ele sempre fez com méritos. O *after day* foi um horror. Pelos cantos, Eloy Nogueira e todos resmungavam atrás dos armários empoeirados, invariavelmente com aquele ar típico de enterro a que não se queria ir, arrumavam gavetas, guardavam livros e poucas esperanças. E agora, José? – perguntava alguém repetindo Drummond.

para Minas?” Mas em Minas estava o general Mourão Nabor Vidigal, um cínico sacana... definia seu futuro imediato: “Vou aproveitar a revolução pra ganhar dinheiro, não tem nada melhor do que uma revoluçãozinha pra gente ganhar dinheiro”. E foi indo. *Binóculo*, notas esportivas de Mickey, como a assinava Darly Santos, sucumbiu e o poeta foi viver temporada no Soído, levado por Hélio Dórea. (OLEARI, 1996, p. 132).

Já no dia 3/4/1964, deixaram de ser publicadas as colunas de Oswaldo Oleari e Darly Santos.

Carlos Lindenberg Filho também se afastou do jornal por alguns meses em decorrência do Movimento Militar.

Quatro dias depois, em 8/4/1964, *A Gazeta* demonstra que começara a compreender toda a dimensão e força do Movimento de 1964 ao substituir o diretor Eloy Nogueira da Silva por um general da reserva, Darcy Pacheco de Queiroz, cunhado de Carlos Lindenberg. Na edição de 8/4/1964 o jornal informou a mudança alegando que ela teria sido causada pelo estado de saúde do substituído.

O afastamento temporário de Eloy Nogueira da Silva acabou por se tornar definitivo, pois o General Darcy Pacheco de Queiroz ocupou a direção do jornal por quase 30 anos só se afastando em 1990 para se tornar vice-presidente da empresa.

A posse do General Darcy Pacheco de Queiroz como diretor de *A Gazeta* tinha a clara intenção de sinalizar que o jornal se dispunha a passar a apoiar o Movimento Militar de 1964 em um momento em que havia a ameaça de retaliações em razão da “fase revolucionária” dos meses anteriores a abril de 1964. Tanto que na primeira edição após a posse do novo diretor, *A Gazeta* começa a responder ao que chama de “boatos totalmente infundados”.

Na edição de 18 de abril, *A Gazeta* volta a condenar a política de “caça às bruxas” que seguiu à queda de Goulart:

Os inconseqüentes - Várias vezes, em todos os recantos da Nação brasileira, representando o equilíbrio e a sensatez, têm se levantado contra a predisposição de alguns dos pseudo-vencedores da Revolução de 1º de abril que pretendem, através de um extremismo anti-cristão, transformar o país num imenso campo de concentração, mandando para o seu interior – fortemente cercado do ódio cego e da felonía – todos aqueles que pretendem acoimar de traidores da Pátria [...] Perseguir e demitir injustamente, emascular o povo brasileiro, torná-lo um pária, massacrá-lo, espezinhá-lo, feri-lo e matá-lo, não reproduzem, estamos certos, o espírito da Revolução. (A GAZETA, 18/4/1964, p. 1)

Sob a direção do General Darcy Pacheco de Queiroz, *A Gazeta* conseguiu sobreviver à “caça às bruxas” e, aos poucos, foi superando as desconfianças do Movimento Militar de 1964. *A Gazeta* manteve, com o General Darcy, a sua linha favorável ao PSD, Partido Social Democrático, que, em nível nacional, apoiou a eleição indireta do General Humberto Castello Branco para a presidência da República.

No nível regional, *A Gazeta* manteve uma firme linha de oposição ao governador Francisco Lacerda de Aguiar, dando repercussão às denúncias e ações movidas pela bancada de oposição na Assembléia Legislativa, mesmo após a extinção dos antigos partidos, entre eles o PSD, em 27 de outubro de 1965. Essas ações culminaram com o pedido de impedimento do governador, subscrito por 21 deputados, em 29 de março de 1966. No dia seguinte chegava a Vitória o Coronel Dilermando Gomes Monteiro, subchefe da Casa Militar da Presidência da República, para exigir a renúncia do governador. Pressionado pela Assembléia e pelo Governo Militar, Chiquinho renunciou ao Governo naquele mesmo dia.

A Gazeta cumpriu importante papel na queda de Chiquinho. Marta Zorzal e Silva (1995, p. 430) descreveu esse papel:

As forças políticas regionais, principalmente aquelas agregadas em torno do PSD, que haviam perdido a direção do Executivo Estadual para Lacerda de Aguiar, articularam, em nome da “Revolução”, meios para retirá-lo da direção do Governo.

Por conseguinte, além da oposição e da imagem caótica que o *Jornal A Gazeta* vinha veiculando sobre o Governo Lacerda de Aguiar, aliás, praxe do *Jornal*, a partir de meados de 1965, levantou-se uma série de denúncias em torno do envolvimento do Governador em processos de corrupção

administrativa, e insinuações sobre possíveis ligações de Francisco Lacerda de Aguiar com elementos subversivos.

Esse processo acabou com a instauração, pelo Exército, de Inquérito Policial Militar-IPM e culminou com o pedido de licença pelo Governador, em 31 de janeiro de 1966. Assumiu o Governo do Estado o Vice-Governador – Rubens Rangel – em 1º de fevereiro de 1966, com todo o apoio do Jornal *A Gazeta* [...] Posteriormente, Lacerda de Aguiar seria levado a renunciar definitivamente ao Governo, no início de abril de 1966, por meio de carta renúncia.

A queda de Chiquinho (em 30 de março de 1966) e a extinção dos antigos partidos políticos (em 27 de outubro de 1965), abriram o caminho para que *A Gazeta* iniciasse um processo de afastamento da política-partidária.

Carlos Lindenberg Filho (2002, p. 48) conta em seu livro “Eu e a Sorte”:

A partir de 1967, eu fiz em *A Gazeta* um paciente, longo e exaustivo esforço para desvinculá-la de um grupo político, o Partido Social Democrático-PSD. Tudo isso com a solidariedade e o entusiasmo da redação e o temeroso, discreto e inseguro apoio de meu pai e de tio Eugênio, presidente da empresa. Em vários estados brasileiros a situação era a mesma: os jornais criados ou adquiridos, tinham um objetivo eminentemente político. Por isso mesmo, aos olhos de meu pai, de meu tio e de outras pessoas, parecia ilógico e estranho alterar uma postura vitoriosa.

Em outra ocasião, Lindenberg Filho (1996, p. 27/28) escreveu na crônica “De volta para o futuro” no livro “Escritos de Vitória – Imprensa”:

A imparcialidade da maioria dos jornais brasileiros foi um padrão que só anos depois foi alcançado. No Espírito Santo começou em 1964, com a extinção dos partidos de então, e só se consolidou em 1970. O meu pai e o seu cunhado, o Eugênio Queiroz, que em 1947 haviam, com um grupo de amigos e correligionários liderados por Alfredo Alcure, comprado *A Gazeta*, suportaram com estoicismo e galhardamente a grande cirurgia que aos poucos foi libertando dos interesses políticos a conduta editorial do jornal. Afinal eles haviam comprado o jornal para isto mesmo, ou seja, para fazer política.

A tarefa de Carlos Lindenberg Filho foi facilitada pela pouca expressão dos novos partidos criados pelo Movimento Militar de 1964. A Arena-Aliança Renovadora

Nacional e o MDB-Movimento Democrático Brasileiro tinham as suas atividades permanentemente monitoradas pelo Governo Militar que detinha a força do poder e dos Atos Institucionais. Os partidos políticos ficaram ainda mais inexpressivos com a supressão das eleições para a Presidência da República (através do AI-2, Ato Institucional nº 2, de 27/10/1965), e para os Governos dos Estados e Prefeituras das Capitais. As últimas eleições disputadas pelo principal acionista de *A Gazeta*, Carlos Lindenberg, ocorreram em 1966 quando ele foi eleito senador.

O desatrelamento de *A Gazeta* da corrente política que anteriormente se abrigava no PSD, Partido Social Democrático, foi, segundo Carlos Lindenberg Filho, “lento e gradual”. Sua participação nesse processo foi decisiva como contou em depoimento dado a José Carlos Corrêa em 6/6/2004:

Num determinado momento eu pensei assim: vamos ver o que ocorre, então, dar uma fígada um pouco maior para ver o que resulta daí. Havia um colunista político em *O Diário*, que era o grande jornal opositor de *A Gazeta* por ser de propriedade do Dr. Chiquinho. Era o Esdras Leonor que, obviamente, escrevia em favor da política do Chiquinho. Então em convidei o Esdras para ir para a *Gazeta*. Aquilo foi um escândalo. Muitos partidários do meu pai ficaram aborrecidos, reclamaram com seu Eugênio, reclamaram com papai. Fiz isso para chocar mesmo, para dar um sinal de que estava mudando. E, ao mesmo tempo, para dar um recado: vamos nos acalmar, não vai acontecer nada. O Esdras foi um colunista eficiente, na época. Em 1972 o jornal já estava desatrelado da política partidária [...] O desatrelamento não foi uma operação dolorosa porque os partidos já estavam extintos, muita gente do PSD foi para a Arena mas muitos foram também para o MDB, e estavam todos dispersos. Era o momento certo do jornal também dispersar. E decidimos: não vamos apoiar nem MDB nem Arena. Vamos aproveitar o ensejo e dar um adeus a essa história.

José Antônio de Figueiredo Costa (1983), na época Diretor de Redação de *A Gazeta* assim se referiu à vinculação político-partidária do jornal:

A história da imprensa brasileira registra um capítulo em que os jornais alimentavam uma extrema intimidade com agremiações e tendências partidárias, sendo a política – tomada aqui em uma dimensão quase eleitoral – seu elemento motivador predominante. *A Gazeta* também sofreu esse processo. Antes de sua aquisição pelo atual grupo, já apresentava uma postura abertamente político-partidária. Adquirida há mais de trinta anos para idênticos fins, cumpriu por muito tempo tal etapa, voltada que estava para a sustentação de posições do antigo Partido Social Democrático, o PSD. [...] O

acondicionamento compulsório das lideranças pessedistas nos limites do bipartidarismo de 65 acelerou a tendência de renunciar à sua condição original de instrumento de política partidária, em favor de uma dinâmica empresarial.

Esses fatos somados deram as condições para que o filho de Carlos Lindenberg, Carlos Lindenberg Filho, assumisse a direção executiva da empresa e passasse a adotar uma gestão mais profissional em todas as áreas, inclusive na definição da linha editorial.

3.3 O JORNALISMO EM BASES PROFISSIONAIS. O JORNAL EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS E NOVOS MERCADOS. O GRUPO EMPRESARIAL REDE GAZETA

3.3.1 A reestruturação

Depois que voltou a Vitória, e após um período em que se dedicou ao setor imobiliário, Carlos Lindenberg Filho reassumiu a direção de *A Gazeta*, em 1966, com o propósito definido de estruturá-la em bases empresariais. Fez isso consciente de que só reestruturando a empresa poderia levá-la a um período de crescimento, deixando para trás a época da improvisação, seguindo o caminho que vários jornais também decidiram trilhar na mesma época.

Para Carlos Lindenberg Filho, a estruturação da empresa em bases mais profissionais viria de qualquer forma, independentemente do desatrelamento do jornal da política partidária, mas um processo acabou ajudando o outro.

São dois processos distintos, o desatrelamento político-partidário e a profissionalização da empresa, ou seja, uma coisa não foi feita por causa da outra, mas os dois processos se complementam. O desatrelamento acabou ajudando a profissionalização. Porque você não poderia fazer uma empresa jornalística de verdade se ela permanecesse ligada a um partido político. Mas mesmo que não desatrelasse, eu profissionalizaria porque eu queria acabar com aquela história de ir ao caixa para ver quanto entrou e quanto saiu,

aquela expectativa sem qualquer previsão de nada, de gastos, de receitas, de geração de caixa. (LINDENBERG FILHO, 2004: depoimento dado a José Carlos Corrêa).

Carlos Lindenberg Filho teve a inspirá-lo, no afastamento de *A Gazeta* do PSD e na sua adoção de uma estrutura mais profissional para a empresa, o exemplo de outros jornais do país.

Na época, os jornais de maior padrão no Brasil transformavam-se em forças empresariais, pondo fim à promiscuidade de suas linhas editoriais com os interesses dos partidos políticos. (LINDENBERG FILHO, 2001, p. 3).

O primeiro passo no sentido da reorganização foi dotar o jornal de instalações e equipamentos adequados ao salto de qualidade que seria dado a seguir. Por isso foi projetado e construído o Edifício *A Gazeta* no nº 127 da Rua General Osório, com 13 andares, a poucos metros da sede do jornal (que estava instalada no nº 119). O térreo e o primeiro pavimento do prédio foram reservados para o jornal, enquanto a cobertura ficou preservada para uma emissora de rádio.

Enquanto o prédio era construído, entre 1963 e 1966, *A Gazeta* adquiriu uma moderna máquina impressora *off-set* Goss Community, capaz de imprimir 16 mil exemplares por hora, passando a ser o primeiro jornal do Espírito Santo a ser impresso pelo sistema *off-set*. Em 7 de dezembro de 1969 o jornal inaugurou a nova sede, a rotativa e o setor de fotolito para preparação das chapas utilizadas na nova impressora. Meses depois, as antigas linotipos foram substituídas por equipamentos de composição de texto “a frio”, por computador.

A reestruturação de *A Gazeta* chegou, então, à área de gestão, com a contratação de dois profissionais que haviam trabalhado no *Jornal do Brasil*, jornal carioca que havia passado por um processo semelhante.

As mudanças de 1971 abriram caminho para a formação do grupo empresarial Rede Gazeta.

Além da implantação do orçamento empresarial e definição em organograma dos cargos e funções na empresa, foi executada o que penso ter sido a primeira reforma gráfica e jornalística, o que exigiu, inclusive, um estágio de competentes companheiros em jornal do Rio. Esses instrumentos permitiram uma extraordinária segurança na condução da empresa, especialmente no que diz respeito às previsões futuras, no planejamento a longo prazo, etc. Tenho absoluta convicção de que foi vital esse trabalho, que acabou por influir e estimular a implantação da TV, a construção deste prédio da Chafic Murad e na compra da nova máquina Harris, ainda em operação. (LINDENBERG FILHO, 1998, p. 2).

A nova estrutura organizacional e os instrumentos de gestão começaram a ser implantados em *A Gazeta* em 1971. Eugênio Queiroz foi designado presidente, Carlos Lindenberg Filho assumiu a Diretoria Executiva e o General Darcy Pacheco de Queiroz, confirmado como Diretor responsável do jornal, ganhou a companhia de um Diretor de Redação além do Editor-chefe. Foram, então, contratados um Gerente Comercial, um Gerente Industrial e um Gerente para a área de Planejamento e Controle.

3.3.2 Surge a Rede Gazeta

Os bons resultados obtidos com a reestruturação do jornal ampliaram os planos da empresa que até então se restringiam, além de consolidar a posição do jornal, a inaugurar uma emissora de rádio. Essa ampliação começou a tomar forma quando Carlos Lindenberg Filho foi convencido por um amigo, que havia feito o mesmo no Ceará, a disputar a concessão de um canal de televisão. Foi assim que *A Gazeta* entrou na disputa do canal 4, cuja concorrência havia sido aberta.

A TV Gazeta foi inaugurada em 11 de setembro de 1976. Sua implantação teve sintonia, também, com a estratégia de fortalecer a posição do jornal. Pouco tempo depois, em 1979, entrou no ar a emissora de rádio FM, sendo então lançada a denominação Rede Gazeta de Comunicações, simplificada em 1997 para Rede Gazeta.

A partir de então o desenvolvimento da empresa foi uma constante, agregando-se ao grupo empresarial outras emissoras de televisão e de rádio, portais na Internet, e empresa de entretenimento e desenvolvimento de software. Atualmente, são 21 os negócios conduzidos pela Rede Gazeta.

Em fevereiro de 1983 a Rede Gazeta inaugurou uma nova e moderna sede, na Rua Chafic Murad, 902, no bairro Ilha de Monte Belo, em Vitória, onde se encontra instalada até hoje, deixando o Edifício A Gazeta que já estava acanhado para abrigar as instalações do jornal e da TV.

Em 2000, assumiu a direção geral da Rede Gazeta Carlos Lindenberg Neto, filho de Carlos Lindenberg Filho e neto de Carlos Lindenberg.

3.3.3 A Rede Gazeta na virada do século

Em 1996, *A Gazeta* iniciou a construção de um novo parque gráfico, próximo à atual sede, e adquiriu uma nova impressora, Newsliner, fabricada pela Goss Corporation. O novo parque gráfico foi inaugurado em 1999 e, além de permitir a acolhida de uma maior quantidade de anúncios em policromia, viabilizou o lançamento, em 2000 um novo jornal diário, o *Notícia Agora*, na linha de jornal popular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se distanciar dos partidos políticos, *A Gazeta* tornou possível a prática de um jornalismo independente, isento e, com isso, ganhou credibilidade na comunidade onde atua. O distanciamento da empresa com relação à política partidária, por outro lado, abriu caminho para que fosse implantada uma gestão mais profissional viabilizando o crescimento da participação da empresa no mercado publicitário e de leitores e a ampliação dos seus planos de expansão na área de comunicação.

É possível concluir, ainda, que o desatrelamento do jornal *A Gazeta* dos interesses político-partidários influenciou decisivamente para que um salto de qualidade fosse dado pela empresa. As mudanças ocorreram através da reorganização da estrutura, da gestão e dos processos empresariais, principalmente em dois momentos principais: em 1971, com a assessoria de especialistas que já haviam feito trabalho semelhante no *Jornal do Brasil* e em 1992 com a adoção do Planejamento Estratégico. A nova postura empresarial caracteriza-se pela dedicação exclusiva à área de comunicação, reinvestimento permanente dos resultados no próprio negócio, constante atualização tecnológica, aproveitamento das novas oportunidades oferecidas pelo mercado e constante preocupação com a ética e com o papel da imprensa como instituição importante para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando e ROCHA, Dora. **Eles mudaram a imprensa**: depoimentos ao CPDOC-Centro de pesquisa e Documentação de História Contemporânea. Rio: Editora FGV, 2003.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. Aula no Curso de Pós Graduação “Latu Sensu” Estudos Avançados de Comunicação da Faculdade Cândido Mendes de Vitória em 1º/11/2002.
- CALIXTE, Marien. **Longa trajetória**. In: **O Diário da Rua Sete**: 40 versões de uma paixão. Vitória: Contexto Jornalismo & Assessoria Ltda, 1998.
- COSTA, José Antônio de Figueiredo. **Sintonia entre tradição e progresso**. In: *A Gazeta*, edição de 29/9/1983, Caderno Especial, p. 14.
- FERREIRA, Giovandro Marcus. Aula no Curso de Pós Graduação “Latu Sensu” Estudos Avançados de Comunicação da Faculdade Cândido Mendes de Vitória em 8/8/2003.
- GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia de Letras, 2002.
- GURGEL, Antonio de Pádua. **Dr. Carlos: um homem do campo e sua relação com o poder**. Vitória: Contexto Jornalismo & Assessoria Ltda, 2000.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. **De volta para o futuro**. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Escritos de Vitória – 17 – Imprensa**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. **Eu e a sorte**. Rio: Gryphus, 2002.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. In: **A GAZETA 25.000 edições**, caderno especial que circulou com o jornal *A Gazeta* em 26/8/2001.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. **Além da prosa**. In: CADERNO 3, jornal interno da Rede Gazeta, agosto de 1998.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. **Muitos avanços e alguns esbarros**. In: CADERNO 3, jornal interno da Rede Gazeta, setembro de 1995.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. **Planejar para crescer**. In: CADERNO 3, jornal interno da Rede Gazeta, outubro de 1997.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. Carta enviada à *Gazeta Mercantil*. In: GAZETA MERCANTIL, Edição do Espírito Santo. **Lindenberg Filho dá sua versão sobre mudanças na rede Gazeta**, 23/3/2000.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. In: CADERNO 3, jornal interno da Rede Gazeta. **A Gazeta completa 75 anos: passado, presente e futuro do jornal**. Agosto de 2003.

LINDENBERG FILHO, Carlos Fernando Monteiro. In: CADERNO 3, jornal interno da Rede Gazeta. **Uma grande nau rumo ao futuro**. Trechos do discurso de Carlos Lindenberg Filho na cerimônia de inauguração do novo Parque Gráfico de *A Gazeta* em 26/5/1999. Maio de 1999.

LINDENBERG NETO, Carlos Fernando Monteiro. In: CADERNO 3, jornal interno da Rede Gazeta. **Momento delicado**. Maio de 2003.

LINDENBERG NETO, Carlos Fernando Monteiro. In: CADERNO 3, jornal interno da Rede Gazeta. **Perspectivas para 2004**. Janeiro de 2004.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. São Paulo: Códex, 2002.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OLEARI, Oswaldo. **Capitão Romão x Capitão Maziero**. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Escritos de Vitória – 17 – Imprensa**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

PESSALI, Hésio. **O mercado de trabalho antes e depois do curso de Comunicação Social**. Tese ao 1º Congresso Estadual de Jornalistas. Vitória: 1984.

PILAGALLO, Oscar. **O Brasil em sobressalto**: 80 anos de história contados pela Folha. São Paulo: Publifolha, 2002.

REIS, Ruth. **A construção do relato jornalístico na imprensa capixaba**. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Escritos de Vitória – 17 – Imprensa**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

SOARES, Renato Viana. **O Jornalismo atual do Espírito Santo**. Ensaio com que concorreu ao Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo organizado pela USP, Editora Abril e Gazeta Mercantil, São Paulo, 1984. In: **Jornalismo no Brasil contemporâneo**. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da USP em 1984 e republicado pelo **Jornal dos Jornalistas**, Vitória, abril de 1985.

TORRE, Paulo Eduardo. **O espírito da coisa**. In: A GAZETA. **A Gazeta 60 anos**: coletânea das primeiras páginas mais importantes do jornal, 1988.

VITÓRIA-ES. A Gazeta. **Caderno Especial A Gazeta 75 anos**. Circulou com a edição de *A Gazeta* de 21/9/2003.

VITÓRIA-ES. A Gazeta. Edições de 1º/1/1963, 3/1/1963, 6/1/1963, 12/1/1963, 17/1/1963, 20/1/1963, 22/1/1963, 2/2/1963, 3/2/1963, 5/2/1963, 6/2/1963, 11/2/1963, 3/3/1964, 4/3/1964, 17/3/1964, 21/3/1964, 1º/4/1964, 3/4/1964, 8/4/1964, 9/4/1964, 10/4/1964 e 18/4/1964.

VITÓRIA-ES. A Gazeta. **Caderno especial A Gazeta 25.000 edições**. Circulou com a edição de *A Gazeta* de 26/8/2001.

VITÓRIA-ES. A Gazeta. **A Gazeta, 60 anos**: Primeira Página – Sessenta anos de História – 1928-1988 – Sessenta anos de História do Espírito Santo, do país e do mundo refletivos nas primeiras páginas de *A Gazeta*. Coletânea das primeiras páginas mais importantes de *A Gazeta*. 1988.

VITÓRIA-ES. Caderno 3. Jornal interno da Rede Gazeta. Edições de setembro/1995 (p.2), outubro/1997 (p.2), agosto/1998 (p.2), maio/1999 (p.2), maio/2003 (p.4), junho/2003 (p.8), agosto/2003 (p.5) e janeiro/2004 (p.2).

VITÓRIA-ES. Prefeitura Municipal de Vitória, Secretaria Municipal de Cultura. **Escritos de Vitória - 17 – Imprensa**. 1996.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: Memórias de um repórter. Organização e editoração de Augusto Nunes, Rio de Janeiro: Record, 1988.